

PREÂMBULO

Foi em 1987 que comecei a trabalhar com a Litografia AC, de Braga, onde mais este volume dos TAE é impresso. Foi lá feita, a partir do segundo tomo desse ano, a revista *Arqueologia*, que eu então dirigia. Foi lá também que acabaram de ser impressos os três volumes da tese de doutoramento da minha mulher e colega, Susana Oliveira Jorge, sobre a arqueologia pré-histórica da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar. Até aos fins de 2004, ao longo de 17 anos, a minha relação com o fundador e dono da litografia, Sr. António Candeias, foi de progressiva empatia (aliás extensiva a todos quantos ali trabalham, e em particular ao seu filho e continuador à frente da empresa, Eng. João Candeias), e mesmo de sólida amizade, que só foi interrompida pelo seu falecimento no início de Novembro de 2004, com 68 anos, e em plena actividade na sua litografia, de que tanto gostava e por que tanto lutou. A última vez que o vi foi em minha casa, em inícios de Agosto desse ano, quando veio acompanhar a entrega do anterior tomo dos TAE, os fascs. 3/4 do vol. 44, daquele ano.

António Candeias era uma pessoa excepcional, em honestidade, competência, simpatia, tolerância, abertura constante para ajudar, para colaborar. Se tinha algum defeito – porque perfeito certamente não poderia ser – nunca notei. Por isso, ao redigir mais este preâmbulo para os TAE, não consegui deixar de me lembrar dele, de recordar que este é o primeiro tomo da revista que ele já não vai acompanhar. Foi um dos melhores amigos que tive, mas aquando da sua despedida (2.XI.04), o cortejo que se formou em Braga – incluindo bastantes docentes da Univ. do Minho onde prestou serviço após a sua vinda de Angola – foi de molde a mostrar-me que eu não era nenhuma excepção. Havia muita, muita gente que sentiu o desaparecimento deste grande profissional e trabalhador incansável.

Perguntar-se-á que direito tem o director da revista de, a abrir um dos seus tomos – por sinal um dos melhores, mais diversificados e ricos tomos que até hoje demos à luz – apresentar aqui uma dedicatória tão pessoal. Esquecer-se-á quem porventura tal pensar ou sentir de que a Litografia AC não trabalha obviamente só par mim, nem para entidades a que tenho estado ligado, mas para muitas outras, incluindo instituições que têm produzido diversíssimas obras no domínio das ciências sociais e humanas, e da arqueologia em particular, a começar pela própria

Universidade do Minho, sediada em Braga. Pelas variadíssimas publicações ali feitas, esta casa impressora está desde já ligada à história da arqueologia portuguesa. Diversas teses de doutoramento foram lá impressas. As Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993), publicadas ao longo de 1993, 94 e 95 (8 volumes) também. Nomeadamente, sem a sua colaboração empenhada – e em particular de João Candeias – não poderia ter transformado em 10 volumes temáticos, todos com data de 2000, o material caótico que me chegou às mãos como resultado do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999). Foi um trabalho enorme, que só terminou em meados de 2002!

Vemos chegar novas gerações à arqueologia, à antropologia, a áreas do saber emergentes entre nós, e durante muito tempo descuidadas, atrasadas, ou silenciadas, como a sociologia, a psicologia, e tantas outras. É com grande júbilo que acolhemos aqui trabalho de jovens, ao lado de “gigantes” (como acontece neste volume) da envergadura de T. Ingold ou H. Moore. Para todos este é um espaço aberto.

Com o mesmo sorriso com que António Candeias nos acolhia à porta do seu local de trabalho em Braga, e agora nos acompanha a sua memória e a presença viva dos seus continuadores.

Vitor Oliveira Jorge
Porto, Fevereiro de 2005